

Traço e palavra: elos com o mundo interno

MARIA TERESA VIGNOLI

Poetisa, psicóloga, psicoterapeuta com especialização em gestalt-terapia e psicologia analítica (Jung)

RESUMO

Este artigo descreve a metodologia utilizada em uma oficina de escrita criativa, cujo objetivo foi provocar nos participantes um encontro mais profundo consigo mesmos, com suas preocupações e seus anseios. As manifestações dos participantes durante a atividade são comentadas pela coordenadora – e autora deste trabalho – à luz da Psicologia, especialmente a Psicologia Analítica de Jung.

Palavras-chave: Escrita criativa. Alto-conhecimento. Psicologia junguiana

ABSTRACT

This article describes the applied methodology of a creative writing workshop, which aim was to provoke the participants facing themselves, their own worries and desires.

The participants' manifestations during that workshop are commented by the coordinator – author of this article – in the light of Psychology, mainly the Analytical Psychology of Jung

Key words: Creative writing. Self-awareness. Jungian psychology

1 - Artigo baseado na monografia de conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Analítica Junguiana 2000/FCM-Unicamp

A partir do relato de uma experiência do que chamo de “oficina de escrita intuitiva” [1], estarei pontuando algumas idéias de pensadores que me ajudam no caminho de refletir sobre o crescimento humano, como Jung e filósofos que serviram de base para a mudança de enfoque do estudo da psique de um modelo reducionista e cartesiano, para uma visão do ser humano como estando sempre em relação, que caracteriza também a Gestalt Terapia, entre outras abordagens psicoterápicas.

A oficina aconteceu em dois momentos, num mesmo dia. No primeiro momento li um texto poético, que seria como um convite ao encontro e à expressão livre e lúdica através do traço e da palavra, mostrando a seguir uma sequência de slides de desenhos infantis, entremeados com reproduções de Paul Klee e Miró. Uma música suave acompanhou a “viagem” pelas imagens, e o último slide continha este pequeno poema, que sintetiza a idéia da oficina:

Habito cada passo
o espaço sem palavras
que desemboca em linguagem.

A partir daí cada um fez seu passeio pelas terras do traçado livre e da escrita espontânea. Depois sentamos para trocar o que cada um produziu e sentiu.

No segundo momento, vimos o episódio “Os corvos”, do filme “Sonhos”, de Kurosawa. Li, logo depois, para o grupo, um poema que fiz, inspirado neste episódio, que fala o que ficou mais forte no meu coração ao assistir a ele: o encontro humano, e a transformação dele resultante, belamente representado pela “entrada” mágica do personagem principal, um estudante de pintura, num quadro de Van Gogh. Este personagem seria como que um “eu onírico” de Kurosawa, que, através da “porta” do fascínio, transcende o espaço de uma sala de exposições e atravessa cenários reavivados de pinturas, à procura do mestre. Ao encontrá-lo, um diálogo curto e significativo acontece, e o rapaz retorna à sala de exposições, “saindo” nela no “vôo” do quadro “Corvos”. Não volta o mesmo, foi tocado pelo encontro, como sugere o poema lido:

Voando com “os corvos”
Quadros, janelas para paisagens,
sol, cabanas, caminhos

árvores, flores,
em pinceladas grossas
cantam o que sentes,
vibram no que sinto
ao mergulhar no cenário mágico,
tão real quanto o tato comovido
com a densidade da tinta.

Saio da locomotiva para encontrar contigo,
sou o teu último retrato.

Na ponte as lavadeiras
esfregam com minhas mãos os panos,
riem com meu eu sarcástico
do louco que estou procurando.

Indicam a ponte que me levará à margem,
outro lado de tudo,
o sempre escondido.

Sigo entre jardins vivos,
que cospem sóis
no meu rosto atônito:
encontrar-te é o ansiado susto que carrego.

Ao me veres, falas comigo
como se há infinitos anos estivéssemos ali
(e estávamos).

“Por que não pintas?”
Como no encontro de dois rios,
desembocamos um no outro:

derramastes o que vives ao pintar
numa água límpida, que coloriu minha vida.

Teus olhos não são polidos: olham.
Tua fala desce direto do que em ti mais pulsa:
cachoeira em mim, água múltipla.

Todo outro
retomo meu rumo,
ando entre girassóis renovados,

desembarco para dentro da locomotiva:
terminaste este teu quadro.

Depois da leitura do poema, cada um, de novo, mergulhou na sua viagem lúdica pelo papel em branco, desenhando e escrevendo livremente. No final, fizemos a segunda roda de conversa.

No decorrer do texto, estarei trazendo trechos das produções escritas e das nossas conversas, e quatro dos 35 desenhos feitos durante a vivência, um de cada pessoa do grupo.^[2] Essas falas, desenhos e escritos serão como que figuras, que ilustram com o vivido as reflexões que quero partilhar neste artigo sobre a criatividade, a poesia, a psicologia analítica e a relação humana.

Sempre é renovador e instigante estar nessas rodas de escrita. Aprendo muito, aprendemos uns com os outros, nos energizamos mutuamente. É mesmo como recuperar a possibilidade de compartilhar a relação com o mundo simbólico, como acontece em rituais dos mais variados tipos. Nossa sociedade carece destes espaços, o que torna nosso dia a dia um tanto árido, preenchido com as ocupações práticas e com, no máximo, trocas num plano racional, desvitalizado. Não nos reunimos mais em volta de um fogo para contar histórias, não dançamos coreografias que tragam a idéia de nossa ligação com algo maior, seja do plano telúrico ou celeste... Acho que isso nos adoece, deixa-nos solitários, sem o senso de irmandade que os rituais evocam.

Essa oficina faz parte de um sonho que venho acalentando ao longo de anos, um sonho que venho vivendo em partes ao cuidar desses encontros, ao colocar na roda a sensibilidade poética que todos temos. Esse sonho nasceu do amor profundo pela palavra viva, que brota livre da alma, essa palavra, que ao longo da vida tem sido minha companheira, que tem me ajudado a ir rompendo barreiras, a ir curando dores, a ir me reconstruindo como pessoa. Trabalho com psicoterapia, e com educadores, e tenho cada vez mais percebido o quanto a palavra poética tem sido uma mestra, tem aberto os caminhos da intuição, importante instrumento do terapeuta e do educador.

Ao longo do tempo fui percebendo que as leituras ligadas à profissão

2 - Os nomes usados aqui são fictícios. Os trechos dos comentários gravados estão em itálico, e as transcrições dos manuscritos dos participantes do grupo estão em itálico e negrito.

só faziam sentido quando iam sendo integradas à vida, quando costuradas com as linhas da intuição. O estudo da Fenomenologia de Husserl (DARTIGUES (1973) e Merleau-Ponty (1975), por exemplo, base filosófica importante das linhas humanistas de psicoterapia e de abordagens recentes da ciência e da educação, foi tornando-se mais fecundo, quando pude ampliar a compreensão dos textos lidos ao relacioná-los a experiências poéticas. A abordagem fenomenológica na psicoterapia prioriza o acompanhamento cuidadoso das vivências do cliente na sua relação com o mundo. O terapeuta coloca-se numa atitude de abertura intuitiva ao que ocorre na relação, o que é chamado de “atitude fenomenológica”, ou “retorno às coisas mesmas”: uma experiência de percepção pré-reflexiva, pré-conceitual e pré-teórica ao que acontece no encontro com o outro. Esse tipo de escuta vivifica e renova a relação, facilitando o fluir da linguagem criativa, tanto do cliente quanto do terapeuta. (O que Merleau-Ponty chamou de “fala falante”.) Os momentos de reflexão, que sempre voltam, tornam-se mais significativos, como foram tornando-se mais significativos pra mim os estudos, a medida que ia percebendo que o hábito de escrever criava um elo entre a vida e o pensamento e abria os canais intuitivos. Falo aqui de escrever a partir de um silêncio interno, de um momento de não pensar, que abre a porta para o novo. A idéia de fazer as oficinas surgiu do desejo de partilhar este tipo de experiência..

Falando especificamente da oficina que descrevi aqui, foi interessante ver que algumas imagens e/ou idéias surgiram, nas produções ou como sensações internas, para todas as pessoas do grupo, embora o ato da escrita fosse individual e sem nenhuma interferência mútua.

Abel, um rapaz jovem e cheio de vida, viveu um processo predominantemente lúdico. Brincou com o sentido e a forma das palavras, com o que ele chamou de “graça” delas. Fez vários desenhos de setas, em posições invertidas, em forma de bonecos, brincando com a palavra conjugada “ponta-cabeça”. Deixou nascer novas possibilidades de significação para as palavras e para o sinal/seta. Comentou ao mostrar seus desenhos:

“Uso a linguagem pra me colocar no mundo, por exemplo, quando falo: copo . Mas normalmente a gente não se dá conta da graça das palavras. Olha que coisa estranha que é isso: ponta-cabeça.”

A partir da conversa que surgiu no grupo sobre a ruptura com o processo de significação que este novo olhar para a palavra representa, Abel fala da sua experiência:

“...é pensar o significante de um jeito lúdico; criança tem muito disso.”

A criança em Abel usou muito o humor e a criatividade, em textos

como esse:

“Música suave/devagar, meladinha (enjoada!): por quê?”

Hipóteses:

- 1- caixinha de música com a pilha ficando fraca
- 2- Pianista cansado. Por quê?

Hipóteses: 1 - De ressaca

- 2 - Trabalha também como levantador de pesos
- 3 - É preguiçoso

4 - Tá com sono (dormiu pouco, tem insônia, coitado!)

3- Fita enroscada

4- O tempo é que está acelerado, e aí a música parece lenta.

5- Maestro estava sonhando, lembrando da primeira namorada, e aí suas mãos – normalmente ágeis – foram ficando lentas, e o compasso foi diminuindo, diminuindo...

6- Caiu mel no disco.

7- Música com prisão de ventre.”

O menino inquieto, que gosta de movimento, manifestou-se... Fez um desenho de um ser cheio de pernas e braços, com jeito de ET, parecido com um desenho de criança mostrado na sequência de slides. No seu tronco está escrito “in”, e embaixo dos pés, “quietude”, num jogo de contrários em que,

possivelmente, o lado extrovertido reclama da calma, mas o outro lado, mais ligado ao mundo interno, talvez um tanto desconhecido ainda, pede quietude, e põe no interior do corpo o in, que nega a quietude, mas que também pode ter o sentido de ir para dentro, de ser o outro lado da gangorra dos opostos...

O menino inquieto apareceu também subindo um coqueiro, num “desenho que fiz quando molequinho, tinha até um quadrinho. O original era melhor.”

Parece que os desenhos infantis dos slides acordaram em Abel o menino que retoma o lápis, escondido em algum canto da memória... Ele disse antes que há muito tempo não desenhava.

Embora Abel tenha trazido predominantemente manifestações expressivas que parecem ser oriundas de camadas da psique mais próximas ao consciente, ou do inconsciente pessoal, na terminologia junguiana, elementos de caráter mais coletivo surgiram no primeiro desenho que fez. (fig.1) Ao



mostrá-lo, falou:

“Agora, conversando, fico pensando como fui fazendo o desenho, a ponta-cabeça, o ovo. É difícil explicar porque eu fiz o ovo. Estou pensando como foi o processo de ir inventando essas coisas. Fiz o ovo, aí fiz o ponto de interrogação, aí pensei: Nossa! Porque o ponto de interrogação? Acho que é alguma coisa, aí me veio: Nossa! É um anzol de ponta cabeça!”

Nesse momento as outras pessoas comentaram:

“Uma coisa puxa a outra; também fiz interrogações e um ovo” (eu)

“Estamos mergulhados num mar, pescando, anzol traz a idéia de pescaria, estamos pescando palavras.” (Diana)

“Eu também senti assim, eu estava pescando, me veio a idéia de pescaria”. (Clara)

As idéias/imagens do ovo e da pesca parecem ter mesmo surgido de maneira espontânea e intuitiva para nós, sem que houvesse uma intenção de que isso acontecesse, como se houvesse uma comunicação entre inconscientes. Parece que o estar junto, no mesmo espaço/vaso”, cria um campo mágico que facilita o fluir da expressão criativa e o contato com imagens coletivas.

Ao descobrirmos, na roda, esse contato, ficamos emocionados, sentindo uma comunhão de sensibilidades acontecendo. É como se o campo simbólico tivesse sido ativado pela relação entre nós, pelo silêncio inicial, pelo fato de termos estado “poetando” junto. “Poetando” num dos sentidos originais da palavra poesia: “fazer”, deixar as mãos bordarem formas e palavras...

Vivemos juntos um momento criativo, deixamos nossas crianças internas darem-se as mãos, no retorno à simplicidade de deixar brotar o que vem de dentro. No calor do encontro transformamos as palavras em brinquedos. Como crianças, que num canto de areia criam mundos em que põem em movimento suas angústias, medos e alegrias, viramos “de ponta cabeça” palavras e figuras, tornamos fecundas nossas perguntas...

Vivenciamos o encontro com o modo único de cada um usar a palavra e o traço, deixamos fluir o que subverte os sentidos conhecidos, fomos meninos travessos permitindo-se não ter que acertar, deixamos a fantasia falar...

Num delicioso comentário sobre a emergência e o trabalho com a esfera irracional em psicoterapia, numa conferência feita em 1929, Jung diz:

“...O meu esforço consiste justamente em fantasiar junto com o paciente. Pois não é pouca a importância que dou à fantasia. Em última análise, a fantasia é para

mim o poder criativo materno do espírito masculino. No fundo, no fundo, nunca superamos a fantasia. Toda obra humana é fruto da fantasia criativa. Se assim é, como fazer pouco caso do poder da imaginação? Além disso, a fantasia não erra, porque sua ligação com a base instintual humana é por demais profunda e íntima. É surpreendente como ela chega a propósito. O poder da imaginação, com sua atividade criativa, liberta o homem da prisão da sua pequenez, do ser “só isso”, e o eleva ao estado lúdico. O homem, como diz Schiller, “só é totalmente homem, quando brinca.” (JUNG, 1981:43)

Pois é, brincamos juntos, e foi bom, pudemos deixar o lápis correr sem pensar em erro. A liberdade da idéia de erro traz o que é mais verdadeiro, a “fala falante” como Merleau Ponty chama o que talvez possamos considerar como a fala/palavra/escrita/silêncio que vem do Inconsciente Coletivo, a palavra que desenha o frescor do vivido no encontro de cada um com a sua poesia. Palavra que traz imagens ou idéias intuitivas, idéias apreendidas em essência, antes de se transformarem em conceitos. A intuição como conhecimento que não passa pelos sentidos nem pelo pensamento, mas renova-os posteriormente.

A intuição que pesca formas, idéias, palavras, como as que pescou Clara, uma jovem cheia de interrogações sobre o mundo, sobre sua individualidade. Ela, na roda, comenta, sobre o momento de expressão: “Vinha uma briga assim: o que tem na minha cabeça, o que tem dentro de mim? Aí eu escrevo tudo o que eu penso e sinto. Assim:

“rostos
sorrindo
livremente
verde
púrpuro
de verdade
o que é?
verdejar o quê?
verdejar o quê?

OUQUE

OOQQUE
 QOUE
 QOUE”

...Palavras que vieram por cima de uma ave em vôo, entre aves menores, ao lado de QQQs com olhos, olhos que querem ver. Clara joga com as palavras ver de , verdejar, sabe-se no começo da estrada, está procurando a autonomia. Pergunta-se o que vai “verdejar”, o que vai plantar na sua vida, a partir de que ponto. Pergunta-se quem é, faz uma grande menina de braços abertos, com ovos sob os pés, em cima escreve seu nome (aqui o fictício), e palavras que vieram “no vento”: (fig 2)

Ao mostrar-nos esse desenho falou: “Um pouco dos desenhos de todo mundo influenciou nos meus, porque eu não estava aqui sozinha, estava com vocês. Aqui tem ovo, uma coisa meio oval, desenhei uma menina, aí pensei:

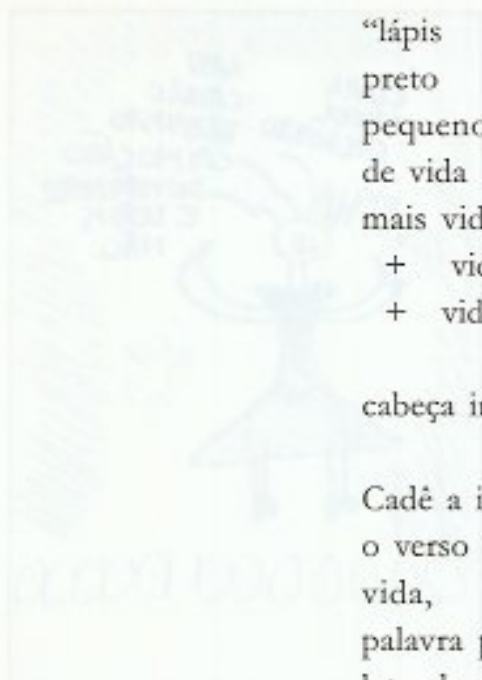
Clara
 Carol
 cachorro
 gato
 cavalo....
 ia colocando tudo o que vinha na minha cabeça...
 televisão
 cai no chão de mármore
 e depois não.
 Sintonia.

Acho que é alguma coisa que tem a ver com o grupo, ao mesmo tempo comigo, não sei direito.”

Faz parte dessa busca o momento que está vivendo de sair da casa dos pais para buscar seu próprio rumo, para se testar na vida. Ainda à procura de si, Clara faz um “chão de ovos”, em que muitas possibilidades de realização podem surgir.

Num outro desenho/manuscrito escreve, entre espaços coloridos de cinza e de azul:





“lápis
preto
pequeno
de vida
mais vida
+ vida
+ vida

cabeça inchada, preenchimento tudo traço tosco azul celeste

Cadê a idéia,
o verso da minha história,
vida,
palavra pequena,
letra bonita,
amor,
fome,
liberdade.
Podemos nos libertar
sem ficar
presos a outras
coisas diferentes
das que queremos
D+!”

Interessante como a possibilidade de desenhar, e de escrever brincando pode dar um outro rumo ao conflito entre a razão e a não-razão (entre “o que eu penso e o que vem de dentro de mim”). Veio essa conversa no grupo, e Clara foi ampliando a relação com sua própria palavra. Está buscando o “pequeno lápis” com que poderá escrever a sua história, e achar a sua maneira de lidar com o logos. Precisa diferenciar-se do poder argumentativo dos pais, e achar um jeito de integrar sua própria inteligência ao mundo interno, para fazer suas escolhas e lidar com o desconhecido de si mesma e da vida. Verdejar o quê, o quê? O que vou plantar na minha vida? O verde, o que não está maduro, os ovos/potenciais aos pés da menina, as muitas perguntas, e o vazio a ser preenchido com o novo...

Nesse momento de contato rico e difícil com a novidade do mundo, com as contradições da realidade, Clara intui um tesouro, escondido para

além do mar do inconsciente, para além do confronto com o que é sentido como obscuro, indefinido, num desenho que descreve assim:

“Fiz o amarelo, pensei: Nossa, que lindo! Aí escrevi:
amarelo belo.

Aí eu fiz uma coisa meio confusa, aqui embaixo eu fiz uma coisa que eu não sei direito, aí escrevi:

outros.

Não sei direito o que é, é uma coisa obscura.”

Essa “coisa obscura” no desenho parece mesmo um mar, de onde Clara foi “pescando” sentidos, na conversa conosco. No fim do dia comentou: “Interessante, quanta coisa! Tem tudo a ver com o que eu tô vivendo!”

Com o que está vivendo e ainda vai viver... No presente do encontro, os tempos se entrelaçam numa dança mágica. Os jovens e as crianças preparam a viagem mais profunda que acontecerá mais tarde, ao lidar com imagens de cunho arquetípico, que são como que referências simbólicas a forrarem as primeiras lutas na realidade. As crianças sonham com monstros, super-homens, fadas, bruxas, encantam-se com os contos universais.

Os jovens da nossa oficina, que trabalham juntos em projetos sociais, trazem, em meio a metáforas que têm a ver com as questões da identidade, do situar-se no mundo, da busca de autonomia, dos questionamentos sociais, imagens que acenam com algo maior, como que prenunciando etapas posteriores do processo de individuação.

A pesca, o ovo, o mar, o tesouro, sintonizam com imagens que vieram para Bella, que também está no início da vida adulta, lutando com o conflito entre o sonho e a realidade. Ela trabalha com menores de rua há anos, é muito dedicada, vive com simplicidade.

Nos seus primeiros desenhos “dançou” traços, curtindo a música. Falou, na roda: “Fiquei olhando o papel em branco, comecei a ouvir a música e deixei minha mão ir, assim... Não queria mais parar de fazer isso, queria que esse papel fosse bem grande, queria ficar fazendo isso, com a suavidade da música, ficar indo, assim... Continuei fazendo formas, eu gosto muito de dançar as palavras. Como eu não consigo escrever e também muitas vezes não consigo falar, eu começo a fazer com a mão, eu falo muito com a mão, regendo, assim... Pus: dançar as palavras, aí fui continuando, queria escrever o que eu estava sentindo, não conseguia, aí escrevi: palavras”

Um traçado suave e delicado ocupa o papel, indo do alto e da esquerda em direção ao canto inferior direito, como que buscando um caminho para



a concretização dos sonhos, como que tentando achar o “chão”. Espirais se formam nessa busca, já talvez como sinais da possibilidade de maior centramento, oferecendo sustentação.

Logo depois Bella faz um caminho (*fig. 3*), em que pequenos pés têm à frente as palavras ilusão, sonhos, doce ilusão. Ao lado da estrada, 4 pássaros voam; no horizonte, 4 estrelas como que esperam a andarilha, que fala: “Estou vivendo um momento de tirar o pé da ilusão. Essa coisa(lendo): ilusão, sonhos, doce ilusão, amarga

ilusão. A gente precisa caminhar, não dá pra ficar parado.”

Estrelas, pássaros, o número quatro, são símbolos conhecidos que costumam apontar processos evolutivos mais amplos do que os relativos às questões pessoais. De novo aqui, parece que um “forro arquetípico” quer dar, intuitivamente, direção aos passos iniciais da vida.

O número quatro, na psicologia junguiana (JUNG, 1974), vem sendo estudado como uma das estruturas arquetípicas básicas da psique. Representa o aspecto feminino da espiritualidade, que completa o masculino, representado pelo três. Um exemplo de representação cultural desse simbolismo, ligado aos números, é a Trindade católica, que tem caráter paterno, espiritual, e que tem sido complementada pela figura de Nossa Senhora, que trouxe a idéia da encarnação do divino, da sua manifestação na Terra. A quaternidade traz o materno, o elo do espírito com a vida concreta; aparece em mandalas, junto ao círculo, e em representações religiosas e míticas de várias culturas.

Os pássaros e as estrelas, como sinais dos céus, como guias, aparecem agrupados em quatro, como que querendo acenar com a necessidade da concretização dos sonhos no plano real, como que apontando futuras completudes maiores no plano interno. Talvez venham acompanhar o sofrimento provocado pela sensação de antagonismo entre os ideais e a realidade, trazendo como um instintivo e ainda não percebido bálsamo, o caráter integrador do símbolo, que supera dicotomias.

Outros opostos “doem” em Bella. Fez uma borboleta voando, ligada à palavra suavidade. Associou esse desenho a um sonho que teve com seus amigos Abel e Clara, em que todos estavam em volta de uma grande árvore, rodeada de borboletas de várias cores. Ao contar na roda o sonho, lembrou-se de um conto de que gostou muito. Comenta que o autor fala da necessidade da borboleta não se perder na

fragilidade, e manter presente a força da rocha, para não se despedaçar. Diz que é preciso ser forte e doce ao mesmo tempo.

Mostrou depois uma grande flor azul, que “puxou” essas palavras:

“Lágrimas – vazio – iluminado por um querer tudo – o vazio se enche de desejos, anseios – mas a lágrima vem, não sei explicar esse vazio – ilusão talvez – solução cadê”

Interessante; a flor, que Bella associou ao sentimento, tem pétalas azuis, cor freqüentemente associada ao pensamento. Há referências, nos estudos de alquimia, da figura da flor azul como símbolo de etapas avançadas da *opus*, isto é, como um sinal de maior evolução == e de integração dos opostos. Parece que, como um alento ainda não percebido, imagens ligadas de alguma forma ao simbolismo do Self, surgiram quando Bella deixou fluir seu traço bailarino.[3]

Um outro desenho, um belo sol, feito com as cores amarela e vermelha, “aquece” o pequeno texto:

“sol
brilho intenso
calor imenso
apesar de tudo
sinto frio.”

Os opostos continuam “dançando”. Entre o frio e o calor, entre o vazio e o “querer tudo”, entre o sentimento e a razão, surgem imagens que acalentam a possibilidade de integração do ser. O sol é um dos símbolos mais presentes nas manifestações míticas, artísticas e oníricas, que possa ter ligação com a instância do Self, entre outras.

É sempre oportuno lembrar o caráter polissêmico dos símbolos, isto é, o fato de que qualquer imagem ou cena pode ter múltiplos significados, e que estes significados só se revelam verdadeiramente na vivência expressiva, e no contexto de uma relação significativa. O sentido das imagens só pode ser apreendido por quem as manifesta, seja através da arte, do sonho, do jogo dramático, de rituais, etc.. Os comentários que faço são hipóteses, que surgem intuitivamente, aquecidas pela vivência da oficina, que trouxe para nós um campo comum de experiência, que ousou pensar como de uma relação em que a atitude dialógica prevalecia. [4]

Cada uma das pessoas do grupo mostrou seu jeito, seu estilo. Diana, em outro momento da vida, no “meio do caminho”, tendo cerca de quarenta anos, entra em contato com questões mais profundas. Ela também traz

3 - Estou me referindo ao conceito de Self usado por Jung, que estaria associado tanto à totalidade da psique, quanto a um centro ordenador do funcionamento da mesma, incluindo os processos conscientes e inconscientes. Manifesta-se através de imagens de cunho arquetípico, coletivo, como a Criança Divina, o Sol, a Mandala, a Estrela, a Pedra, etc..

4 - Refiro-me ao sentido que Buber deu ao termo, de uma relação em que as essências se tocam, em que o outro não é tratado como objeto, mas como um ser único e autônomo.



questionamentos, mas predominam os relativos ao mundo interno, ao que ela chamou do “mundo dos sonhos”.

Mostrando seu primeiro desenho, (fig.4) diz:

“Comecei me perguntando: Quais são as cores que aparecem mais nos meus sonhos? Pensei: Acho que é o laranja! Em várias situações que eu vivi em sonhos, o fundo era laranja. Pensei no laranja como fogo, aí eu comecei a fazer essa fogueirinha aqui, estão vendo? Aí me veio a idéia do – ao redor da fogueira –; pensei: esse fogo poderia ser como se fosse uma coroa em cima de alguém. Só que eu não queria dar um formato humano pra pessoa; mas também tinha algo de humano, porque passava por mim. Aí eu me representei aqui: fiz um lado, que é humano, e um outro lado que é meio peixe, meio cauda, meio mar. Aí fui puxando umas coisas bem oníricas mesmo. Fiz uns raios de sol verdes, o centro laranja. Comecei a pensar em mim, aí me lembrei de um coração. Não sei porque veio isso, o coração. Coloquei o coração aqui, lançando raios. Aí pintei o coração de azul. Não sabia porque. Aí me deu vontade de escrever, porque o meu negócio é escrever.”

Na roda foi lendo e comentando o que escreveu:

“Sei sentir(?)

O nome?

O espaço?

O silêncio que funda...?

O tempo sem marcas?

Meu corpo?

Meu mundo?

A relação (com você)?

O coração no centro?

As curvas do caminho?

A terceira visão?

O que é sem ser?

O fogo, o mistério, a palavra?

A calma no dizer, o precipício do Amor?”

“Aí eu achei que, casualmente, tinha feito algo parecido com as ondas do

mar. Coloquei: mar. Aí eu coloquei a letra a. Ficou:

A mar . Pensei: a mar vai ficar uma outra palavra. Aí me veio:

A palavra mar deveria ser feminina.

Aí eu teria a mar, e não o mar. E depois a mar (já estabelecida a mudança) é tão feminina...

As pessoas, quando estiverem fazendo discursos poderiam dar curso à sua imaginação, pensando em rios, grandes rios, com água fluindo, de preferência limpa.

Aí me veio a palavra cor , depois o outro sentido, cor, de cor:

O que eu sei de cor, deveria vir pintado de azul. O coração deveria ser azul. Vermelho é muito trágico. Só deveria ser vermelho quando o trágico fosse a paixão. O amor pelo nosso ser e pelo dos outros deveria ser bem tranquilizante. Azul, portanto.

A palavra logo deveria ser logo, logo repensada.

Nesse momento me veio a palavra mito , depois coloquei o I; ficou I-mito.

Aí , por causa do I na frente, lembrei do I-Ching,

I-mito o I-Ching quando quero ajudar os outros. Adoro ter o lado direito mais desenvolvido. O ex-querdo já era pra mim.

Pensei na intuição, escrevi assim:

In – tu – i – ção

Olhei, e pensei: Puxa! Tem o – tu – dentro da intuição!

In – tu – i – ção deveria ser grafada em sílabas . Assim tu estarias sempre presente no que sou.”

Diana é uma pessoa que, tendo no dia-a-dia, uma relação sofisticada com a linguagem, encantou-se com a possibilidade de escrever a partir de uma fonte intuitiva, livremente. Seu traço/texto vem carregado de simbolismo.

As imagens surgem espontaneamente; só depois há uma reflexão sobre elas. Este não deixa de ser um jeito de integrar os opostos razão e sentimento dos quais fala nos seus textos. Vão surgindo a cor laranja, o fogo, a coroa, o ser meio humano/meio peixe, o coração azul, o mar feminino, (ou melhor, a mar), os raios verdes, o sol, as perguntas...

Suas perguntas dizem mais respeito aos mistérios do ser, do que a questões de ordem social, concreta. Não que estas perguntas não mais existam, mas o caminho já percorrido traz uma possibilidade de aprofundamento das reflexões sobre a existência, num nível mais interno. As perguntas vão

passando, talvez, na vida, do que diz respeito ao consciente coletivo, para o que diz respeito ao inconsciente coletivo.

Jung, ao falar dos temas que aparecem repetidamente em sequências de fantasias e sonhos, diz:

“Mar significa invariavelmente um lugar de origem e concentração de toda vida psíquica, portanto, o inconsciente coletivo. A água em movimento pode significar o fluir da vida ou o fluir da energia. As idéias básicas de todos os motivos são representações plásticas de caráter arquetípico, isto é, imagens primordiais, simbólicas, sobre as quais a mente humana se edificou e se diferenciou.”(JUNG, 1981:10)

Nas curvas da metade peixe de si mesma, Diana deixa o mar aparecer como um elemento feminino, a mar, de onde a vida nasce, a água surgindo como mãe/origem.

A cor do fundo dos sonhos, o laranja, toma a forma, ao ser configurada, do fogo que se transforma em coroa. O símbolo do fogo aparece em muitas religiões relacionado à idéia de uma força universal mágica. Na polissemia própria das imagens primordiais, refere-se ao espírito, à alma, ao poder, a deus, respeito, e outros sentidos correlatos, mais frequentemente ligados ao aspecto masculino do poder espiritual.

Diana, num fecundo contato com a fantasia, traz imagens e reflexões em que as polaridades confrontam-se e algumas vezes chegam a uma síntese. A mulher, que reúne em si a humanidade e os profundos aspectos instintivos do peixe, a consciência como uma auto-imagem e o inconsciente nos seus aspectos masculino/fogo e feminino/água, traz um coração que se quer azul, “tranquilo”.

É interessante notar que nas imagens, e nas primeiras palavras sobre elas, os opostos convivem numa união paradoxal, típica dos conteúdos mais profundos do inconsciente. A medida que Diana vai introduzindo a reflexão na sua relação com as fantasias espontâneas, os pares de opostos se distanciam, e se antagonizam: “eu teria – a mar – e não -o mar-”; “o coração deveria ser azul, vermelho é muito trágico”. Há um certo movimento de negação do pensamento, na alusão ao *logos* a ser repensado e na celebração da intuição como função mais nobre: “Adoro ter o lado direito mais desenvolvido. O ex-querdo já era pra mim.”

Talvez o próprio *logos*, à revelia do desejo consciente, traga a dança

dos opostos para um plano mais discriminativo, embora enriquecido pela vivência anterior de síntese. O pensamento pode estar se manifestando de forma mais leve, lúdica, do que se a linguagem usada fosse o discurso conceitual, mas ele está ali, presente, na própria negação de si. Quem sabe justamente porque não é para o pensamento ser negado, mas integrado criativamente ao sentimento e à intuição, ele continue ali, não aceitando “sumir”?

“Arrematando” este artigo/conversa, trago um trecho do que Diana escreveu depois de mergulhar com Kurosawa nos cenários de Van Gogh:

..“Quando ilumino com as tintas grossas do mundo
meu ser,
o que se transforma em bendito sinal,
significa – o meu sacramento – é o outro.”..

O “sacramento” vivido no templo do encontro verdadeiro, a eterna busca humana de auto-conhecimento passa pela relação, não sobrevive sem ela. Diana teceu poeticamente uma rede de palavras que cantam, entre outras coisas, a beleza e a força da relação que afirma o Ser. Suas palavras não estão sozinhas; há outras que louvam o encontro, como as de BUBER (1974), e também, as de Jung, que várias vezes referiu-se à importância da qualidade da relação para a eficácia da psicoterapia, e para a evolução do homem na sociedade.

Na oficina, nossa relação foi ninho para que o *Ovo*, símbolo que nos uniu na experiência criativa, tenha deixado a ave/palavra voar...Paul Klee associava o *Ovo* ao que ele chamava de “Ponto Zero da Criação”, os alquimistas ao “ponto-do-sal/vaso/lápis”, onde permanentemente a vida é gestada em paradoxos...

Partimos, em algumas das brechas do tempo, do irrefletido, do antes do pensar, do momento da vivência fenomenológica do “retorno às coisas mesmas”, do “ponto da gema”, do silêncio primordial que nos liga ao mistério, à matriz da vida, de onde surgiu, e surge, a cada dia, nossa consciência, e a possibilidade de expressar o novo, de trazer a “palavra verdadeira”, que revela o que Buber chama de “centro dinâmico do ser”.

O fazer filosófico de BUBER (1974) era um fazer poético; penso que ele, JUNG (1982), Merleau Ponty, Klee e tantos outros encontram-se no espaço da linguagem que ultrapassa a lógica, e que revela essências

para além de qualquer conceito.

Neste lugar mora a poesia, que vem à luz não só através dos poetas, que têm o dom de transformá-la em Arte, mas através de toda pessoa que ponha sua fantasia em movimento. Na nossa roda, aquecida pelo afeto, a poesia se fez traço, cor e palavra no mistério do gesto que reinaugura a vida toda vez que nos permitimos brincar...

BIBLIOGRAFIA

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: Moraes, 1974

DARTIGUES, A. *O que é Fenomenologia?*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973

HENDERSON, Joseph L. "Los mitos antiguos y el hombre moderno". In: JUNG C.G. (org.) *El Hombre y sus Símbolos*. Buenos Aires: Aguilar, 1974

JUNG, C.G. *Aion – Estudos Sobre o Simbolismo do si Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1982

JUNG, C.G. *A Prática da Psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1981

PONTY, M. M. *Textos Escolhidos*. Coleção "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 1975